

# AVALIANDO AS VULNERABILIDADES

**Coronel Clinton J. Ancker III, Exército dos EUA**

**A**TÉ OS ATAQUES terroristas do dia 11 de setembro contra os edifícios do *World Trade Center* e o Pentágono, considerávamos a proteção da força, e especialmente o anti-terrorismo, como sendo partes integrais de todas as operações. Além do mais, a maior parte da orientação para a segurança das instalações militares encontra-se nos regulamentos do Exército. Isso tem a ver com a divisão de responsabilidades onde os regulamentos lidam principalmente com o lado administrativo do Exército e os Manuais de Campanha com a maneira pela qual o Exército conduz as suas operações. As ocorrências do dia 11 de setembro podem produzir algumas mudanças nestas condições. Uma das propostas é tornar a proteção da força uma tarefa separada na Lista Universal de Tarefas do Exército (*Army Universal Task List*) e fornecer ao comandante e seu estado-maior uma doutrina sobre como executar essa nova tarefa tática. À medida que o Exército se adapta a sua forma de lidar com operações de proteção doméstica da força, já tem desenvolvido algumas idéias preliminares sobre como poderá incorporar conceitos operacionais já existentes à tarefa. Outrossim, a comunidade doutrinária está estudando de que forma o Exército ajustará o seu parecer com relação à vulnerabilidade, com base na significativa mudança no padrão de ataque do inimigo, evidenciada pelos ataques do dia 11 de setembro. O que buscamos é uma metodologia de análise de vulnerabilidade que permita às forças do Exército melhor deterem, derrotarem e gerenciarem as conseqüências de ataques terroristas.

Os ataques contra o *World Trade Center* e o Pentágono provam que a proteção da força do Exército deve mudar. Anteriormente, o enfoque era deter ou derrotar ataques de baixa intensidade contra alvos isolados.

Os ataques do dia 11 de setembro combinaram dois

métodos familiares de operação — bombas suicidas e o seqüestro de aviões — em um inesperado ataque assimétrico que produziu baixas em massa e se tornou um evento mundial. O grupo que conduziu os ataques é bem organizado, bem disciplinado e tem muitos recursos. Os ataques foram bem planejados e sincronizados. Os alvos foram escolhidos cuidadosamente. As ações de todos, incluindo as reações antecipadas dos passageiros e tripulações das aeronaves, foram bem estudadas. Esses ataques estabeleceram um novo paradigma de ameaças terroristas. O método operacional de proteção da força do Exército deve mudar para encarar essa nova norma.

Um aspecto-chave da mudança está no novo enfoque de como o Exército conduzirá sua avaliação da vulnerabilidade. Muitos dos princípios fundamentais das operações militares continuam válidos, mas as táticas, técnicas e procedimentos usados para aplicá-los a esse novo tipo de ameaça são diferentes. Os conceitos dos Elementos Essenciais de Informações do Comandante (*Commander's Critical Information Requirements — CCIR*) são derivados dos Elementos Prioritários de Informações (*Priority Information Requirements — PIR*), das Necessidades de Informações das Forças Amigas (*Friendly Forces Information Requirements — FFIR*) e dos Elementos Essenciais de Informações Amigas (*Essential Elements of Friendly Information — EEFI*), familiares a qualquer um que tenha utilizado o Processo Militar de Tomada de Decisão (*Military Decision Making Process — MDMP*). Adaptando esses termos à avaliação da vulnerabilidade para a proteção da força contra o terrorismo, usamos os conceitos conhecidos ao mesmo tempo que avançamos além de seus significados convencionais.

Comandantes visualizam, descrevem e dirigem as ações por meio de uma série de operações e do espectro

de conflito. Fundamentais ao Processo Militar de Tomada de Decisão, e particularmente importantes para a proteção da instalação militar, são os Elementos Essenciais de Informações do Comandante e Elementos Essenciais de Informações Amigas. A aplicação doutrinária destes são tão importantes à proteção da instalação militar quanto às operações do campo de batalha; porém, a aplicação desses conceitos na proteção da instalação da força difere em várias maneiras importantes, quando aplicadas em combate.

O comandante necessita de informações precisas e em tempo hábil para visualizar, tomar decisões e dirigir ações. Os Elementos Essenciais de Informações do Comandante são vitais nesse sentido. São elementos informativos necessários aos comandantes que afetam diretamente a tomada de decisão e ditam a execução bem-sucedida de operações militares. Eles conduzem e priorizam o plano de coleta de informações, a subsequente alocação de recursos coletivos e esforços de avaliação. Muitos, senão todos os Elementos Essenciais de Informações do Comandante, são diretamente ligados a pontos de decisão. Assim, respostas aos Elementos Essenciais de Informações do Comandante permitem-no antecipar decisões necessárias a serem tomadas em tempo hábil. Durante a proteção doméstica da força, as decisões tomadas pelo comandante devem equilibrar a ameaça e a eficácia operacional com os recursos disponíveis.

O desenvolvimento dos Elementos Essenciais de Informações do Comandante para a proteção da instalação militar começa enquanto o comandante visualiza a operação e, particularmente, o espaço de combate. O comandante tem que visualizar os fatores dentro do espaço de combate. Desde uma visualização inicial, o comandante descreve a operação e dá a sua diretriz de planejamento. Alguns dos componentes da diretriz de planejamento são os Elementos Essenciais de Informações do Comandante. Para compreender a ameaça, o comandante precisa determinar várias opções — estas podem se tornar Elementos Prioritários de Informações.

Os Elementos Prioritários de Informações focam em informação sobre o inimigo, o terreno e o clima. Na proteção da instalação militar, os Elementos Prioritários de Informações focam sobre a avaliação da ameaça. Durante épocas de atividade normal, eles são amplos e lidam com uma variedade de possíveis ameaças. A coleta, usando os Elementos Prioritários de Informações para a proteção da força, depende muito mais das agências civis do que dos recursos orgânicos. O Exército está praticamente proibido de coletar informações relativas às ameaças domésticas. Boas relações com agências civis locais e nacionais são críticas quando as instalações coletam informações contra as ameaças

domésticas. O resultado será uma previsão de operações terroristas e uma estimativa de possíveis alvos do terrorismo. Armados com estes elementos, os comandantes podem fazer estimativas que podem ser aplicadas no estudo da situação. Portanto, sensatos Elementos Prioritários de Informações para a proteção da instalação militar tentam entender as intenções do inimigo para então determinar de que maneira devem reagir as forças amigas. Na verdade, são os Elementos Prioritários de Informações que guiam a análise da vulnerabilidade.

**Devemos imaginar de que maneira os terroristas irão provavelmente usar seus recursos para alcançar suas metas a longo e curto prazos. Os analistas devem ser versados em filosofias, pensamentos e culturas terroristas. À medida que se definem mais as ameaças, mudam-se os Elementos Prioritários de Informações para focar nas ameaças suspeitas e determinar os alvos em potencial e os meios que se usariam para atacá-los.**

A natureza episódica da ameaça terrorista, a falta de um inimigo claramente definido, a falta de recursos orgânicos para a coleta, e a diversidade das fontes tornam a obtenção dos Elementos Prioritários de Informações um grande desafio. Desenvolver a habilidade de procurar e aproveitar fontes de informações é crítico para os estados-maiores das instituições.

Devido à inabilidade em administrar essa busca e coleta de Elementos Prioritários de Informações, a instalação precisa devotar muitos recursos para analisar as informações em uma tentativa de prever possíveis ameaças com base na inteligência disponível. Isto requer analistas de grande habilidade que possam deduzir sobre as ameaças, a partir de informações que muitas vezes são incompletas e não confiáveis. Um desafio adicional continua a ser a falta de um número suficiente de pessoal preparado para as atividades de inteligência e segurança no estado-maior da instalação para analisar e processar as informações coletadas. Considerações críticas para focar os Elementos Prioritários de Informações nestes misteres são:

- **Determinar os objetivos dos terroristas.** Devemos compreender os objetivos imediatos e a longo prazo dos terroristas. A partir deles, podemos inferir os efeitos que esperam poder alcançar e identificar alvos que lhes permitiriam chegar aos mesmos.

- **Determinar as capacidades dos terroristas.** Este passo envolve determinar os métodos que os terroristas provavelmente usariam para um ataque. Envolve a análise de métodos usados anteriormente, mas também requer imaginar meios de combiná-los de formas diferentes e originais.

- **Determinar as intenções dos terroristas.** Devemos imaginar de que maneira os terroristas irão provavelmente usar seus recursos para alcançarem suas metas a longo e curto prazos. Os analistas devem ser versados em filosofias, pensamentos e culturas terroristas. À medida que se definem mais as ameaças, mudam-se os Elementos Prioritários de Informações para focar nas ameaças suspeitas e determinar os alvos em potencial e os meios que se usariam para atacá-los.

As Necessidades de Informações das Forças Amigas são elementos que o comandante e o estado-maior precisam ter conhecimento. Existem duas categorias indispensáveis às Necessidades de Informações das Forças Amigas: a vulnerabilidade da instalação militar e a capacidade de reação da mesma. Primeiro, o comandante e o estado-maior precisam de informações sobre a vulnerabilidade da instalação a ataques terroristas.

**Uma parte integral do Processo Militar de Tomada de Decisão é a análise dos riscos. A análise dos riscos dá ao comandante uma ferramenta para equilibrar os requerimentos de proteção da força com as metas da missão. Fechar uma instalação criando uma “fortaleza” providenciaria uma segurança quase total.**

Durante operações de rotina, significa estar ciente das vulnerabilidades de maneira geral. As vulnerabilidades devem ser avaliadas em relação a conhecidos padrões de operações terroristas, mas também para avaliar o que possivelmente causaria maiores danos durante um ataque. Enquanto os conhecidos padrões são mais simples de avaliar, com base em ações terroristas anteriores, a previsão do resultado de ataques novos é bem mais complicado. A determinação de vulnerabilidades exige a imaginação e a habilidade de pensar da perspectiva do terrorista que planeja atacar a instalação assimetricamente e de forma não convencional. A análise da vulnerabilidade deve ser um processo contínuo.

Assim como com os Elementos Prioritários de Informações, quando se identifica uma ameaça mais específica o comandante muda suas Necessidades de Informações das Forças Amigas para focar em meios

específicos e alvos conhecidos dos terroristas suspeitos. O comandante da instalação deve então ordenar medidas de execução para eliminar ou minimizar as capacidades da ameaça relativas às vulnerabilidades em questão.

A segunda categoria das Necessidades de Informações das Forças Amigas para a proteção da força trata da habilidade do comandante de reagir a um ataque terrorista. Durante operações de rotina, as Necessidades de Informações das Forças Amigas devem focar amplamente na habilidade do comando de reagir a uma grande variedade de ameaças. Quando as ameaças começam a tomar formas definidas, as Necessidades de Informações das Forças Amigas devem focar na habilidade do comando em deter ou reagir à ameaça.

O comandante da instalação usa as respostas aos Elementos Prioritários de Informações e às Necessidades de Informações das Forças Amigas para tomar decisões. Na maior parte, as decisões que afetam a proteção da força podem ser definidas em duas categorias: implementação de medidas de segurança e execução de uma reação a um ataque terrorista e suas conseqüências.

Durante operações de rotina, o comandante avalia seu grau de segurança com base nas ameaças conhecidas e suspeitas. Medidas de segurança dependem do equilíbrio entre a administração rotineira do comando e a probabilidade de um ataque. A meta é tentar minimizar a interferência da ameaça na rotina diária. Outras decisões devem aumentar a habilidade do comando de reagir às ameaças terroristas. Se uma análise das ações terroristas realizadas e das futuras ações em potencial exige equipes de resposta específicas, tais como equipes capazes de resolverem uma situação envolvendo reféns ou de limpeza após um ataque biológico, o comandante deve avaliar se ele tem equipes disponíveis, com o treinamento e equipamento necessários. Porque as ameaças em potencial podem minimizar os recursos disponíveis, o comandante deve responder aos Elementos Prioritários de Informações (ameaças em potencial) e às Necessidades de Informações das Forças Amigas (vulnerabilidades em potencial) para determinar onde colocar recursos escassos. Além dessas decisões, o comandante deve estabelecer os Elementos Essenciais de Informações Amigas.

Uma vez que a instalação determinou as suas vulnerabilidades, o comandante usará os Elementos Essenciais de Informações Amigas para proteger tanta informação crítica quanto seja possível. Os Elementos Essenciais de Informações Amigas são informações críticas sobre forças amigas que, caso se tornassem conhecidas pelo inimigo, comprometeriam, levariam ao fracasso, ou limitariam o sucesso da força amiga. A segurança das operações (*operations security* — *OPSEC*) é o processo seguido pelos comandantes para proteger os Elementos Essenciais de Informações Amigas. Sob condições normais,

a segurança das operações consiste em ações necessárias para impedir que uma ampla categoria de informações úteis caia em mãos inimigas. Enquanto a maioria de soldados e civis do Departamento do Exército são familiarizados com os seus padrões de procedimento para operações de combate, não criamos a mesma espécie de conscientização sobre a segurança das operações com respeito a medidas anti-terroristas. Os Elementos Essenciais de Informações Amigas para a Proteção da Força contra o terrorismo derivam também da análise das vulnerabilidades. Guiados por essa análise, o comandante e o estado-maior tentam prever as conseqüências mais prováveis, caso informações sejam comprometidas, relativas à segurança da instalação, e então tomam medidas para impedir que isso ocorra.

À medida que respostas aos Elementos Prioritários de Informações esclareçam a ameaça, o comandante chegará aos pontos de decisão relativos à implementação da segurança das operações e das medidas de segurança física contra a ameaça específica. Isto incluirá o estabelecimento de níveis mais altos de controle de acesso, a proteção do pessoal-chave e dos recursos, e, possivelmente, os ensaios da tropa para responder às ameaças. Outrossim, com base na ameaça específica, o comandante modificará os Elementos Essenciais de Informações Amigas para proteger a informação que permitiria aos terroristas realizarem um ataque.

Uma parte integral do Processo Militar de Tomada de Decisão é a análise dos riscos. A análise dos riscos dá ao comandante uma ferramenta para equilibrar os requerimentos de proteção da força com as metas da missão. Fechar uma instalação criando uma “fortaleza” providenciaria uma segurança quase total. Para cada série de medidas de segurança permanece um risco residual. Se o risco residual for excessivo, o comandante deve implementar medidas adicionais para reduzi-lo ainda mais. O risco residual é sempre equilibrado com a necessidade de continuar as operações.

Práticas passadas não são necessariamente a solução para futuras ameaças. É possível que os responsáveis pelos ataques do dia 11 de setembro usaram contra nós os nossos próprios procedimentos padrão para lidar com seqüestros. Seqüestradores anteriores haviam usado aeronaves e passageiros como “cartas de barganha” em vez de bombas. A suposição de que os seqüestros do dia 11 de setembro iriam seguir o mesmo procedimento pode ter retardado a resistência dos passageiros aos seqüestradores. Temos

que supor que o inimigo está pensando tanto quanto nós, está conduzindo análise pós-ação e está procurando meios de tornar nossas medidas de proteção em novas vulnerabilidades.

A avaliação das vulnerabilidades deve examinar possíveis falhas que possam surgir em conseqüência das respostas da instalação militar. Combater ações terroristas que procuram usar nossas próprias medidas de segurança para nos atacar exige estudar os efeitos secundários e terciários dessas medidas e avaliar o quão predizíveis possam ser. Estude cada medida do ponto de vista do terrorista para determinar como este poderia usá-la para nos atacar. Por exemplo, as filas com milhares de militares aguardando para entrar nas instalações enquanto se revistam seus veículos os torna alvos estacionários facilmente identificáveis. As medidas tomadas para dificultar a entrada na instalação podem também dificultar uma evacuação no caso de um ataque químico ou biológico. A predizibilidade de nossas repostas é uma debilidade em si. O terrorista é um oponente criativo e analítico.

Durante a década passada, concentramos muita energia para proteger os Estados Unidos de armas de destruição em massa e ataques cibernéticos. Que estes não hajam ocorrido não significa que não poderão ocorrer. Tampouco significa que não tomemos medidas para detê-los ou responder a eles. O nosso enfoque sobre as ameaças de tecnologias de ponta pode ter-nos desviado a atenção dos menos sofisticados, mas ainda assim mortais, meios de ataque. Não se trata de um nível de importância, mas de uma abordagem assimétrica. A dissuasão ou a resposta em um cenário pode ser ineficaz ou contraproducente em outro. As avaliações das vulnerabilidades devem examinar uma variedade maior de ameaças. A necessidade é estudar não apenas a pior hipótese mas também as ameaças que vão desde a alta e baixa tecnologias e das simples às complexas.

A proteção das instalações militares será uma importante parte de nossas vidas no futuro próximo. Temos que ser tão criativos quanto os nossos adversários para sermos bem-sucedidos. Não podemos apenas depender do que nos serviu no passado. Uma abordagem assimétrica ao desenvolvimento dos Elementos Prioritários de Informações, Necessidades de Informações das Forças Amigas e Elementos Essenciais de Informações Amigas, por parte de indivíduos criativos, para enfrentar um inimigo criativo, ajudará nesta missão. **MR**

---

*O Coronel Clinton J. Ancker, III é diretor do Diretório de Doutrina das Armas Combinadas, ECEME/EUA, no Forte Leavenworth, Kansas. É bacharel pela Academia Militar dos Estados Unidos, West Point, Nova York, mestre pela Long Island University, pela Stanford University e pela Escola de Guerra Naval e é graduado da ECEME/EUA. Serviu em várias posições de comando e estado-maior no Vietnã, no Kuwait e no território continental dos EUA. Antes de assumir sua posição como diretor, era chefe da Equipe de Ligaçao Militar na Albânia.*